




SIQUIRJ

INFORMA

Nº 207

Jan/2019

A indústria química pode ser o motor do crescimento do país na próxima década

Petroquímica pleiteia insumos competitivos

A produção do pré-sal tem potencial para revigorar a indústria petroquímica brasileira e toda a cadeia produtiva, que depende de insumos petroquímicos acessíveis para ser competitiva. "A indústria química pode ser o motor do crescimento do país na próxima década, se tivermos nafta e gás natural a preços internacionais", diz Fernando Figueiredo, presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim).

"Hoje a nafta brasileira é a mais cara do mundo e o gás natural custa no Brasil três vezes mais que o gás de xisto oferecido nos Estados Unidos. Se usarmos uma parcela do pré-sal para abastecer o mercado petroquímico teremos um boom de investimentos", diz.

Em 2018, a indústria química faturou US\$ 127,9 bilhões, após um crescimento de 5,4%. A receita, no entanto, está longe de voltar ao patamar de 2011, quando o setor faturou US\$ 150 bilhões. Os investimentos em 2012 somaram US\$ 4,8 bilhões, mas declinaram para US\$ 700 milhões no ano passado.

Um estudo da consultoria Deloitte sob encomenda da Abiquim indica que o setor tem potencial de agregar US\$ 26 bilhões ao seu faturamento em 2030 e acumular uma receita extra de US\$ 231 bilhões até aquele ano, se resolver seus principais gargalos, sendo o principal deles o custo da matéria-prima, que representa por volta de 80% dos custos de uma unidade petroquímica básica, que produz principalmente eteno e propeno.

No Brasil, a nafta alimenta 92% da produção petroquímica. A redução do custo da matéria-prima, aponta a Deloitte, poderia vir do investimento em refinarias, que aumentariam o processamento de petróleo no Brasil, gerando maior disponibilidade de nafta. Mas essa é uma medida com impacto de médio a longo prazos. No curto prazo, a proposta é uma redução da incorporação da nafta no mix de produção da gasolina.

Segundo a Nota Técnica Panorama do Refino e da Petroquímica no Brasil, publicada em novembro pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), a produção de nafta petroquímica no Brasil foi de 2,2 milhões de toneladas em 2017, para uma demanda de 9,5 milhões de toneladas por ano. As importações que eram de 2,9 milhões de toneladas em 2007 mais que dobraram para 7,3 milhões de toneladas.

A disponibilidade de matéria-prima local foi fundamental para o surgimento da petroquímica nos anos 1970, época do início da exploração de petróleo offshore. Em uma estrutura de investimentos de "modelo tripartite", capital privado nacional e multinacional se aliaram ao governo para formar os polos petroquímicos.

Esses polos constituídos nas proximidades de refinarias da Petrobras reúnem instalações petroquímicas de primeira geração, que fazem os produtos básicos, e os petroquímicos de segunda geração, como resinas termoplásticas, elastômeros e fibras, que alimentam os produtores de terceira geração, que fazem os produtos finais como plásticos, tintas, tubos, fios e cabos, pneus e autopeças.

Fonte: Valor Econômico

Editorial

Otto Vicente Perrone
fundador da petroquímica brasileira

Otto Vicente Perrone faleceu, em casa, no dia de Natal de 2018. Foi uma pessoa gentil e acessível, cativava a todos pelas suas prodigiosas cultura e inteligência e, também, pela moderação com que solucionava os impasses inerentes à sua trajetória profissional.

Dr. Otto Perrone é uma unanimidade nacional pela sua honestidade intelectual, competência profissional e dignidade humana, e pelo legado que deixou à Petroquímica Brasileira, suas obras abrangem todo o Brasil, principalmente na Bahia, mas também em Alagoas, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Mineiro de Guarani, veio para o Rio de Janeiro na juventude. Diplomou-se em Química Industrial em 1951 e em Engenharia Química em 1955 na, hoje, Escola de Química da UFRJ.

Fez a carreira na Petrobrás; foi designado para chefiar a Assistência de Petroquímica quando poucos conheciam o assunto. Após a criação da Petroquisa, que tinha como objetivo entrosar os setores público e privado para implantação do parque petroquímico nacional, Dr. Perrone foi designado, sucessivamente, Diretor e Vice-presidente da empresa. Nesta época, acumulou a função de Presidente da Copene, com o objetivo de implantar o Polo Petroquímico do Nordeste e, deste ponto, consolidar o novo parque petroquímico, com projetos que já entravam no radar do planejamento da indústria química brasileira.

Dr. Perrone tinha a perspicácia de sempre encontrar o melhor acordo para o projeto avançar. A concretização do "modelo tripartite", se deve à paciência e a perseverança com que ele se dedicou a convencer empresários nacionais e estrangeiros a se associarem à Petroquisa, preservando o caráter privado e nacional das novas empresas, à época, exigências pétreas governamentais.

O avanço industrial brasileiro no século XX está marcado pelas digitais de Otto Vicente Perrone, um exemplo a ser seguido.

Importação de químicos bate recorde de volume em 2018

O volume importado de produtos químicos totalizou 45,2 milhões de toneladas no ano passado, um recorde para o Brasil e 4,7% acima do volume registrado em 2017, segundo relatório da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). Em valor, o Brasil importou US\$ 43,3 bilhões em químicos, alta de 16,4%.

Conforme a entidade, as quantidades importadas superaram as 37,5 milhões de toneladas de 2013, quando foi registrado o maior déficit no histórico da balança comercial do setor, de US\$ 32 bilhões, impulsionadas principalmente por produtos para o agronegócio. Intermediários para fertilizantes foram o principal item da pauta de importação do setor no ano passado, com US\$ 7,6 bilhões e 65,6% (ou 27,3 milhões de toneladas) do volume total importado.

As exportações de químicos, por sua vez, ficaram praticamente estáveis, com queda de apenas 0,3%, em US\$ 13,7 bilhões.

Foram movimentadas 13,4 milhões de toneladas para diferentes destinos. Resinas termoplásticas corresponderam ao grupo mais exportado, com US\$ 2,1 bilhões, apesar da redução de 9,2% do valor das vendas para o exterior e de 17% nas quantidades exportadas.

Diante disso, o déficit na balança comercial do setor somou US\$ 29,6 bilhões, com "crescimento constante e progressivo nos últimos três anos", diante da retomada do crescimento da economia "sem que houvesse concomitante melhoria estrutural da competitividade nacional", aponta a Abiquim. A ociosidade média no setor ficou em 23% em 2018, contra nível considerado saudável de 10%.

Conforme a entidade, avaliando-se as trocas comerciais com os principais blocos econômicos regionais, o Brasil foi superavitário apenas em relação a países do Mercosul e Aliança Latino-Americana de Integração (Aladi), com saldos comerciais de US\$ 813,8 milhões e de US\$ 738 milhões, respectivamente. Em nota, o presidente-executivo da Abiquim, Fernando Figueiredo, voltou a pedir atenção do governo a iniciativas que podem levar à retomada da competitividade da indústria brasileira, como as reformas da Previdência e tributária.

"A indústria química pode ser o motor do crescimento do país na próxima década, se tivermos nafta e gás natural a preços internacionais. No tocante à inserção internacional da economia brasileira, a Abiquim sempre foi e continuará sendo favorável a uma abertura comercial responsável, pois ela deve ocorrer concomitante a medidas de redução do Custo-Brasil", acrescentou.

Fonte: Valor Econômico

Desoneração da folha foi bem-vista por indústria e serviços

A sinalização dada pelo secretário especial da Receita, Marcos Cintra, sobre a intenção de finalizar uma proposta para desoneração da folha de pagamentos foi bem recebida pelos setores industrial e de serviços. Mas os dois grupos têm visão diferentes sobre qual seria a melhor maneira de fazer a compensação da retirada da contribuição previdenciária patronal de 20% sobre os salários.

A indústria prefere a tributação sobre o faturamento, enquanto os serviços consideram melhor a ideia de usar um tributo semelhante à antiga e extinta CPMF, que Cintra chama de imposto sobre pagamentos, para fazer essa compensação.

Além de preferir a contribuição previdenciária incidindo sobre o faturamento, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), José Ricardo Roriz Coelho, defende que exista apenas uma alíquota, indistinta entre os setores, posição que também é defendida pelo secretário especial da Receita.

"Setores de capital intensivo têm grande faturamento e empregam pouco. A alíquota única para todos incidindo sobre o faturamento seria melhor para a cadeia produtiva como um todo e fomentaria a agregação de valor às matérias-primas, preservando empregos e tornando mais competitivos internacionalmente setores que estão mais à jusante das cadeias produtivas, que geram emprego de melhor qualidade e fabricam produtos de maior margem", afirma Roriz. "Quando o mercado está muito demandado, as empresas recolhem mais impostos pelo fato de estarem faturando mais. Quando o mercado está em crise, as empresas recolhem menos, mas preservam os empregos", completou.

O presidente da Central Brasileira do Setor de Serviços (Cebrasse), João Diniz, por sua vez, afirmou que a tributação sobre movimentação financeira seria mais adequado porque, além de gerar uma base maior de arrecadação, teria efeito positivo no combate à sonegação fiscal e atingiria inclusive setores que operam mais na informalidade.

O consultor Emerson Casali, que assessora entidades do setor de serviços, lembrou que o segmento é intensivo em mão de obra e que a desoneração da folha terá um efeito positivo sobre a geração de empregos no país. Para ele, ainda que a substituição por tributação sobre o faturamento seja viável, para os serviços o ideal seria mesmo substituir por contribuição sobre movimentação financeira.

Fonte: Valor Econômico

Isaac Plachta integrará novo Comitê Científico Consultivo

O Instituto Senai de Inovação em Química Verde está organizando um comitê científico consultivo com objetivo de realizar discussões periódicas sobre a pesquisa aplicada em química verde com o objetivo de realizar discussões periódicas sobre a pesquisa aplicada em química verde e a indústria. Para tanto, o referido Instituto convidou o Sr. Isaac Plachta, presidente do Siquirj, para contribuir com esta discussão, considerando que o mesmo poderá ampliar ainda mais as perspectivas de inovação em química verde no cenário industrial brasileiro.

O lançamento oficial do comitê e a apresentação de seus membros ocorrerá no dia 21 de fevereiro.



Siquirj

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
e-mail: siquirj@siquirj.com.br
home page: www.siquirj.com.br

Diretoria - 2016/2020

Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)
Ciro Alves (Vice-presidente)
Nicolau Pires Lages (Secretário)
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

Suplentes

Wagner Sá
Jorge Luiz Cruz Monteiro

Conselho Fiscal

Efetivos

Carlos Roberto da Silva
Nélio Augusto Manhães Rodrigues
Roberto Pinho Dias Garcia

Suplentes

Ronaldo Valle Monteiro
Ubiratan Sá
Rodrigo Simion Hunger

Delegados Representantes junto à Firjan

Efetivos

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Carlos Mariani Bittencourt

Suplentes

Isaac Plachta
Roberto Pinho Dias Garcia